

FRIEDRICH RATZEL

LUCIANA DE LIMA MARTINS¹

Friedrich Ratzel (1844-1904) é considerado por muitos o fundador da moderna geografia humana, sendo responsável também pelo estabelecimento da geografia política como disciplina. A abrangente produção ratzeliana deixa transparecer a integração de fatos da modernidade e do rápido desenvolvimento da sociedade no contexto da Alemanha que se unificava. Reflexões sobre o Estado, a história, as raças humanas, o ensino da geografia e a descrição de paisagens perpassam a obra do geógrafo, que se preocupava em auferir uma identidade comum à nação em formação. No Brasil, é o Ratzel determinista que se destaca na produção historiográfica da geografia, resultado da leitura da obra ratzeliana através da literatura francesa, sobretudo da obra de Lucien Febvre - *La Terre et L'Évolution Humaine* (1922) - que estigmatizou a pecha de determinista para Ratzel em contraposição ao possibilismo de Vidal de la Blache, termo cunhado pelo próprio Febvre (cf. Moreira, 1989:32 e Moraes, 1990:13).

Ratzel inicia sua carreira acadêmica em 1866 como zoólogo, interesse despertado pelo considerável impacto da obra de Charles Darwin na Europa, e de seu discípulo alemão Ernst Haeckel. Correspondente do jornal *Kölnische Zeitung* desde 1868, Ratzel teve a oportunidade de viajar pelo sul da França, pela Itália e pelo leste Europeu. Em suas impressões sobre natureza e paisagem, ocupação humana e nacionalidade, pode-se perceber a mudança do cientista natural para o geógrafo. De 1873 a 1875, Ratzel trabalha como correspondente na América do Norte, percebendo o surgimento de uma nova sociedade através do ambiente antrópico e de seu uso, e prevê um futuro essencialmente urbano para a sociedade moderna, no bem e no mal.

O interesse pelo estudo da migração chinesa (*Die chinesische Auswanderung*, 1876), com o qual completa sua qualificação acadêmica, foi também suscitado na sua viagem à América.

De 1875 a 1886, Ratzel leciona geografia na Politécnica de Munique, combinando seu vasto conhecimento da literatura da disciplina com a riqueza, de dados e informações obtidos em suas viagens e pesquisas de campo. Geografia física, geografia regional dos continentes, geografia humana e política foram todos temas dos cursos mais substanciais. Em 1886, Ratzel transfere-se para a Universidade de Leipzig, onde permanecerá até sua morte, em 1904. Jean Brunhes, Ellen Semple, Hans Helmolt e Alfred Hettner foram alguns dos mais ilustres estudantes e orientandos de Ratzel nesse período. O geógrafo divide seu tempo trabalhando na formação de professores para as escolas públicas e no fomento de aulas de geografia nessas escolas, publicando o livro didático *Deutschland* (1898) para combater a aspereza das aulas de geografia e “despertar a vontade de obtenção de um conhecimento e de uma concepção da terra natal (*Heimat*) não envolvidos apenas com o intelecto” (citado por Buttman, 1977: p. 83). Em Leipzig, Ratzel vai também aprofundar seu conhecimento filosófico através dos encontros com o chamado “Círculo de Leipzig”, um grupo de intelectuais interessados sobretudo na obra de Leibniz, que terá

¹ Mestre (1993) e doutora (1998) em Geografia pela UFRJ, desde 1999 trabalha como pesquisadora do Grupo de Geografia Social e Cultural de Royal Holloway, Universidade de Londres. A Introdução baseia-se principalmente em Martins (1993). A autora agradece a inestimável ajuda do prof. Ferdinand Reis, sem a qual a tradução do artigo de Ratzel não se viabilizaria

influência marcante na produção ratzeliana dos últimos anos de sua vida.

Em linhas gerais, a obra de Ratzel é uma tentativa de superar uma geografia puramente descritiva e de avançar na formulação de grandes construções explicativas, onde o “sentido de espaço” (*Raumsinn*) ocupa lugar primordial. Das fecundas idéias ratzelianas, destacam-se principalmente:

- 1) O estudo dos efeitos recíprocos entre o homem e seu ambiente, onde o homem teria um duplo posicionamento: ativo, na medida que transforma, através de seu trabalho, a superfície terrestre, e passivo, na sua dependência das condições naturais, que seu espaço vital (*Lebensraum*) lhe impõe (*Anthropogeographie*, vol. 1, 1882);
- 2) O papel importante desempenhado pela cultura e pela difusão cultural (*Völkerkunde*, 1885-8);
- 3) As relações entre o homem e a natureza devem ser compreendidas não somente sob o ângulo da mediação técnica ou econômica (trabalho, progresso), mas também, e sobretudo, levando-se em consideração a mediação política: Ratzel compara o Estado a um organismo (*Politische Geographie*, 1897). No entanto, o “organismo” político a que Ratzel se refere difere da estrutura rudimentar do organismo biológico, na medida em que expressa a unidade orgânica do homem e da Terra, incluindo todos os objetos perceptíveis, materiais e imateriais, vinculando-se ao conceito da unidade (*Ganzheit*) de matriz romântica;
- 4) A importância básica da geografia física para toda a pesquisa geográfica (*Die Erde und das Leben*, 1901-2);
- 5) A descrição artística da natureza e da paisagem deve preencher tanto as necessidades científicas como as estéticas (*Über Naturschilderung*, 1904).

O texto de Ratzel aqui traduzido - “*Freunde, im Raum wohnt das Erhabene nicht!*” (Amigos, o sublime não mora no espaço!) - foi publicado em 1903 no periódico *Glauben und Wissen* (Fé e Saber) e insere-se no primeiro volume da obra póstuma *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel* (Pequenos escritos de Friedrich Ratzel), organizada por Hans Helmolt, em 1906. Trata-se de uma coletânea de cerca de 86 artigos publicados em diversos periódicos de 1867 a 1904, que conta ainda com uma biografia escrita pelo organizador e de uma bibliografia levantada por Viktor Hantzsch. Nesses artigos, encontra-se ora um Ratzel reflexivo, ora inflamado, ora crítico. Despojado da rigidez acadêmica, da preocupação da sistematização do pensamento geográfico enquanto disciplina, como em suas principais obras - *Anthropogeographie* e *Politische Geographie* -, aflora, nos *Kleine Schriften*, um Ratzel multifacetado, engajado politicamente, envolvido com questões filosóficas, artísticas e religiosas. Os artigos tratam desde a anatomia do *Enchytraeus vermiculares* a considerações sobre a fisionomia da Lua, glaciologia, etnografia, história, colonialismo na África, paisagens, panoramas, fotografia, escritos biográficos, geografia política, cidades, nacionalidades e raças.

A seleção deste texto em particular para ser traduzido, dentre tantos, deve-se à curiosidade suscitada pelo momento em que foi produzido, a chamada fase “madura” da obra ratzeliana. A humildade intelectual subjacente ao questionamento que Ratzel se permite fazer, em que busca explorar “as contradições da visão do mundo entre conhecimento das ciências naturais e fé cristã” (Buttmann, 1977:102), propiciou a sintonia com seu pensamento, o encontro, a mediação entre seu mundo e o atual. Nesse texto, o geógrafo faz uma profissão de fé, reconhece o intransponível, o insondável, mas não toma, perante este fato, uma atitude niilista. Apenas está consciente da existência de limites que, longe de provocarem-lhe desânimo, incitam-no a prosseguir seu caminho. No momento atual, em que se repensam os caminhos e descaminhos da atividade científica e do projeto da modernidade, e o lugar da geografia nesse contexto, a reflexão ratzeliana é digna de atenção.

Referências bibliográficas:

- BUTTMANN, G. 1977. *Friedrich Ratzel; Leben und Werken eines deutschen geographen*. Stuttgart, Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft.
- MARTINS, L. 1993. *Friedrich Ratzel através de um prisma*. Rio de Janeiro, UFRJ (dissertação de mestrado).
- MORAES, A. C. R. (org.). 1990. Ratzel. São Paulo, Atica.
- MOREIRA, R. 1989. *O que é Geografia*. São Paulo, Brasiliense.